

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Na Companhia de William Greaves | A Cinemateca com o Doclisboa | sessão Poder e liderança
18 e 25 de Outubro de 2025

Still a Brother: Inside the Negro Middle Class / 1968

um filme de WILLIAM GREAVES

Realização, Fotografia (35 mm, preto-e-branco), *Montagem*: William Greaves *Argumento*: William B. Branch *Música*: Duke Pearson, Sticks Evans *Com*: Ossie Davis (narrador/voz), Julian Bond, St. Clair Drake, John H. Johnson, Bayard Rustin, etc.

Produção: NTE-National Educational Television (Estados Unidos, 1968) *Produtor*: William Greaves, William B. Branch *Cópia*: 16 mm, preto-e-branco, legendada eletronicamente em português, 90 minutos. *Estreia*: 29 de Abril de 1968, nos EUA *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

NOTA

A cópia 16 mm que vamos apresentar, proveniente do BFI, vai ser projectada com as duas pontas de película a negro que marcam a separação das bobines, uma vez que se trata de uma cópia de arquivo que não pode ser montada com cortes. Aqui fica a nota, justificativa dos dois momentos em que a projecção é pontuada por pausas a negro.

Se “desafiador de convenções e um trabalhador incansável”, William Greaves (1926-2014) se apresenta hoje como “nome omisso nos manuais da História do cinema”, uma voz “do mais urgente cinema realista com preocupações sociais e políticas, ou dos chamados «race films», obras particularmente vigilantes da situação das comunidades afro-americanas nos Estados Unidos da América”, esta retrospectiva vem propor a reparação da visibilidade da obra. Cinquenta e dois anos de reflexos da experiência afro-americana. Ou uma celebração e um registo dessa mesma experiência e um retrato da América, aponta a página electrónica “oficial”, inventariando setenta e nove filmes de William Greaves produtor, argumentista, realizador, director de fotografia ou montador de obras empenhadas na luta pela justiça social, igualdade de oportunidades, respeito mútuo. “Para quem aprecia cinema de estilo documental” – escreve Luís Mendonça no texto de apresentação da retrospectiva já citado no princípio do parágrafo – Greaves “pode ser visto como o elo em falta ligando a escola anglófona do Canadá, representada pelos cineastas que compuseram a célebre Unidade B do National Film Board, ao *direct cinema* norte-americano de Robert Drew, dos Irmãos Maysles e de D. A. Pennebaker.”

Scott MacDonald, outro instigador da iniciativa partilhada pela Cinemateca e o Doclisboa, lembra, no texto publicado pelo festival, que antes de se mudar para o Canadá e estudar cinema (montagem e realização) no National Film Board, Greaves sentiu o apelo documental depois de se ter estabelecido como actor de teatro e cinema nos anos 1940, e de ter participado na formação do Actor’s Studio, cujo método, ao lado de Marlon Brando, Anthony Quinn ou Shelley Winters, estudou e ensinou. “Motivou-o a ignorância dos americanos de origem africana e europeia em relação a África e à diáspora africana e a ironia de ele, enquanto afro-americano, não poder ter formação nos Estados Unidos.” Quando regressou ao seu país, terá sentido a abertura da evolução do movimento pelos direitos civis, começou a trabalhar na Agência de Informação em meados dos anos 1960 e a realizar com prolixidade na década seguinte prosseguindo a filmografia iniciada no Canadá na década anterior.

Sobre a passagem ao cinema e ao documentário, explicou-se o próprio Greaves (citado no prefácio do livro de MacDonald, *William Greaves: Filmmaking as Mission*, Columbia University Press, 2021): “Diria que a razão decisiva para que me envolvesse com a produção de cinema de modo geral e a produção documental em particular foi ter tido a especial sorte de estudar história africana. Não era coisa com que a maioria dos afro-americanos estivesse familiarizada nos anos 1950 e 1960. Tive a sorte de estudar com um professor maravilhoso, William Leo Hansberry, da Universidade Howard. Era a sumidade em história africana na América do Norte. Tornei-me muito consciente da existência de uma história dos povos negros anterior à escravatura. A escravatura havia sido a única história ensinada na América a respeito dos negros; antes disso, assumia-se que éramos um bando de selvagens a correr pela selva. Indignou-me o facto de o afro-americano ter sido defraudado pelo sistema de ensino americano, pelos meios de comunicação social americanos. Indignou-me o facto de os americanos brancos estarem a ser mal informados acerca de quem eram estas pessoas de cor, da sua verdadeira natureza. Foi uma experiência muito perturbadora para mim e eu disse a mim mesmo: «Devia estar do outro lado da câmara. Não devia estar à frente da câmara, a representar e a desempenhar papéis diversos, e a dizer falas de autores diversos». «Porque é que eu não entro na área de produção e revelo a verdade acerca das pessoas de cor?» Percebi que a verdadeira história das pessoas de cor não havia sido contada. O cinema documental era clara e potencialmente um instrumento de transmissão desta história. E tive a sorte de ter lido o livro de John Grierson, *Grierson on Documentary*, precisamente na altura em que fermentava estas ideias no meu pensamento, e disse: «Meu Deus, isto é uma forma excelente e espantosa para perseguir um método de despertar consciências, não apenas entre americanos negros e brancos, mas entre pessoas de todos os tipos em todos os lugares.»

Em 1968, ano do assassinato de Martin Luther King no mesmo mês de estreia de *Still a Brother: Inside the Negro Middle Class*, contavam-se duas décadas sobre um filme em que Greaves participara como actor, *Miracle in Harlem* (programado nesta retrospectiva nos dias 18 e 24), uma sobre os primeiros filmes de Greaves, *Putting It Straight* (1957) e *Smoke and Weather* (1958) que antecederam o seu primeiro título ressonante, *Emergency Ward* (1959) (títulos ver nos dias 20 ou 24). 1968 foi também o ano de estreia, em Junho, do início do magazine televisivo *Black Journal* no qual, na sequência de uma estreia tumultuosa que contradizia a intenção de programa especialmente destinado a espectadores afro-americanos por ser dirigido por brancos, Greaves, já produtor assistente, pega nele a partir do quarto episódio e com grande impacto até 1970 (veja-se a sessão de 23 e 31). *Still a Brother* constrói-se, neste contexto, como um retrato potente, incisivo e provocador, por conseguinte complexo nos termos, da realidade da classe-média negra americana sujeita a pressões de ordem vária, interna e externa, naquele momento particular da sociedade americana. Expõe o que Jacqueline Najuma Stewart, em “*William Greaves: Filmmaking as Mission*” (Columbia University Press, 2021) inventaria: “O racismo persistente anulou os progressos educativos e profissionais, frustrando as expectativas de uma «América verdadeiramente igualitária e multi-racial». Ao mesmo tempo, o negro da classe-média lutava psicologicamente com um sistema de valores normativo da classe média branca, em especial na medida em que esse sistema era desafiado pelo aumento da militância negra e pelas estéticas ‘Soul’ entre os jovens e as classes-baixas negras.”

O filme começa de chofre sobre o testemunho de um homem num plano aproximado que se volve em grande plano. A imagem é forte, as palavras são fortes, a complexidade afunda-se numa ironia de travo amargo em que a “integração social” é logo iluminada às avessas. Entrevistas, filmagens em exteriores verídicos, imagens de arquivo, concorrem na montagem deste filme que procura uma perspectiva pouco habitual para dar voz à, ou às, comunidades negras. *Still a Brother*.

Maria João Madeira